



FACULDADE DO SERIDÓ - FAS  
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA BEATRIZ ARAÚJO E SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA PRÁTICA DOCENTE**

CURRAIS NOVOS/RN  
2025

ANA BEATRIZ ARAÚJO E SILVA

## **A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA PRÁTICA DOCENTE**

Artigo científico apresentado à Faculdade do Seridó – FAS, como requisito parcial para a obtenção de nota na disciplina de TCC II, do curso de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof. Bárbara Nóbrega de Medeiros Silva.

CURRAIS NOVOS/RN  
2025

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que foram meu sustento nos momentos em que o cansaço parecia me vencer.

A vocês, que me ensinaram o valor do esforço, da honestidade e da perseverança.

E à minha filha, minha maior inspiração, que mesmo diante das minhas ausências me fez lembrar, todos os dias, o porquê de não desistir.

Foram dias longos, mas cada lágrima e cada renúncia valeram a pena.

Hoje, esta conquista é nossa — fruto de amor, Fé e resistência.

# A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA PRÁTICA DOCENTE

Ana Beatriz Araújo e Silva

## RESUMO

A inteligência emocional tem se destacado como competência essencial na prática docente, especialmente diante dos desafios da educação contemporânea. A sala de aula configura-se como um espaço de interações complexas, em que o professor atua não apenas como mediador do conhecimento, mas também como gestor de emoções. O presente estudo tem como objetivo analisar a importância da inteligência emocional no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento integral dos estudantes. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada em autores clássicos e contemporâneos, como Mayer e Salovey, Goleman, Bisquerra, Nóvoa e Oliveira, além da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Os resultados evidenciam que professores emocionalmente competentes constroem ambientes mais colaborativos, inclusivos e motivadores, favorecendo o engajamento discente e a redução de conflitos. Conclui-se que a inteligência emocional deve ser compreendida como dimensão indispensável à formação inicial e continuada dos professores, sendo estratégica para a promoção de uma educação humanizada, democrática e de qualidade.

**Palavras-chave:** Inteligência Emocional. Prática Docente. Ensino-aprendizagem. Competências Socioemocionais.

## **ABSTRACT**

Emotional intelligence has emerged as an essential competence in teaching practice, especially considering the challenges of contemporary education. The classroom is a space of complex interactions, where the teacher acts not only as a mediator of knowledge but also as an emotional manager. This study aims to analyze the importance of emotional intelligence in the teaching-learning process and in the holistic development of students. The research follows a qualitative bibliographic approach, grounded in classical and contemporary authors such as Mayer and Salovey, Goleman, Bisquerra, Nóvoa, and Oliveira, as well as the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC, 2017). The results show that emotionally competent teachers are able to build more collaborative, inclusive, and motivating environments, enhancing student engagement and reducing conflicts. It is concluded that emotional intelligence should be understood as an indispensable dimension of both initial and continuing teacher education, being strategic for the promotion of a more humanized, democratic, and high-quality education.

**Keywords:** Emotional Intelligence. Teaching Practice. Teaching-learning. Socio-Emotional Competences.



## 1. INTRODUÇÃO

A educação contemporânea enfrenta desafios que ultrapassam a mera transmissão de conteúdos acadêmicos, exigindo do professor competências que envolvem, além do domínio pedagógico, a gestão das emoções no ambiente escolar. A sala de aula configura-se como um espaço marcado por interações constantes, diversidade cultural, conflitos e demandas emocionais, o que torna o equilíbrio emocional do docente um fator determinante para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, a inteligência emocional destaca-se como um elemento fundamental da prática docente, uma vez que influencia diretamente a mediação das relações interpessoais, o enfrentamento de situações de estresse, a gestão de conflitos e a promoção de um ambiente escolar mais acolhedor e produtivo. Professores emocionalmente preparados tendem a apresentar maior resiliência diante das pressões institucionais e maior capacidade de favorecer o desenvolvimento integral dos estudantes.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a importância da inteligência emocional na prática docente, evidenciando suas contribuições para a qualidade do ensino e para o desenvolvimento socioemocional dos alunos. Como questão norteadora, busca-se responder: de que forma a inteligência emocional influencia a prática pedagógica do professor no contexto escolar?

A relevância desta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender a inteligência emocional como uma competência profissional indispensável ao exercício da docência, contribuindo para reflexões acerca da formação de professores e da promoção de práticas educativas mais humanizadas.



Assim, o professor que desenvolve competências emocionais mostra-se mais apto a mediar conflitos, motivar os estudantes e construir uma atmosfera escolar positiva. Tal condição favorece não apenas o desempenho cognitivo, mas também o desenvolvimento socioemocional dos alunos, contribuindo para sua formação integral. Nesse sentido, o papel da inteligência emocional na educação dialoga diretamente com as exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que estabelece como parte dos direitos de aprendizagem o desenvolvimento de competências socioemocionais, fundamentais para a cidadania e para a convivência ética em sociedade.

A literatura educacional contemporânea tem enfatizado a necessidade de considerar a dimensão socioemocional como parte do currículo escolar. Bisquerra (2000), um dos principais teóricos da educação emocional, ressalta que:

Essa perspectiva amplia a compreensão de que ensinar vai além da construção de saberes acadêmicos; trata-se de preparar sujeitos capazes de lidar com suas emoções, de se relacionar com empatia e de enfrentar os desafios sociais de maneira resiliente e solidária. Nesse cenário, a inteligência emocional deve ser compreendida como eixo estruturante da docência, capaz de transformar a dinâmica escolar em espaço democrático, acolhedor e formador de cidadãos críticos.

Ademais, pesquisas recentes demonstram que professores emocionalmente competentes apresentam maior resiliência frente às pressões institucionais, reduzem os níveis de estresse ocupacional e fortalecem a qualidade das interações em sala de aula (Mendes et al., 2024). Para esses autores, o docente que compreende e gerencia suas emoções exerce influência direta sobre



o engajamento e a motivação discente, promovendo aprendizagens mais significativas.

Diante desse contexto, este estudo é orientado pela seguinte questão norteadora: de que maneira a inteligência emocional integrada à prática docente influencia o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes? O objetivo geral consiste em analisar a contribuição da inteligência emocional na atuação docente e seus impactos no ambiente escolar e na aprendizagem discente. Como objetivos específicos, busca-se: compreender os principais conceitos de inteligência emocional aplicados à docência; identificar as competências emocionais necessárias ao professor contemporâneo; e analisar os efeitos dessas competências nas relações pedagógicas e no engajamento dos estudantes.

Parte-se da hipótese de que professores que desenvolvem competências emocionais apresentam maior capacidade de mediação de conflitos, maior resiliência frente às pressões institucionais e melhores condições para promover aprendizagens significativas, contribuindo para um clima escolar positivo e inclusivo. Estudos recentes corroboram essa hipótese ao indicar que docentes emocionalmente competentes reduzem níveis de estresse ocupacional e influenciam positivamente a motivação e o envolvimento dos alunos no processo educativo (Mendes et al. 2024).

Dessa forma, compreender a inteligência emocional como eixo estruturante da prática docente revela-se fundamental para a consolidação de uma educação humanizada, democrática e comprometida com a formação integral dos sujeitos.



## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Conceitos e fundamentos da inteligência emocional**

O conceito de inteligência emocional tem ganhado destaque no campo educacional, especialmente diante das exigências impostas à prática docente contemporânea. Mayer e Salovey (1997) definem a inteligência emocional como a capacidade de perceber, compreender e gerenciar as próprias emoções e as dos outros, reconhecendo sua influência nos processos cognitivos e nas relações interpessoais. Posteriormente, Goleman (1995) ampliou a compreensão do conceito ao destacá-lo como um conjunto de competências essenciais para o equilíbrio pessoal e social, envolvendo o autoconhecimento, a autorregulação emocional, a automotivação, a empatia e as habilidades sociais. Essas competências permitem ao indivíduo lidar de forma mais eficaz com situações de frustração, estresse e desafios cotidianos.

No contexto educacional, a inteligência emocional assume papel relevante, uma vez que o professor atua não apenas como transmissor de conhecimentos, mas também como mediador das relações humanas no ambiente escolar. Segundo Oliveira (2020), a inteligência emocional configura-se como um instrumento pedagógico que possibilita ao docente criar ambientes de aprendizagem mais acolhedores, inclusivos e produtivos, fortalecendo os vínculos afetivos com os alunos.

Dessa forma, compreender os fundamentos da inteligência emocional contribui para reconhecer sua importância como competência profissional indispensável à docência, favorecendo práticas pedagógicas mais sensíveis às dimensões emocionais envolvidas no processo educativo.



Autores contemporâneos ampliam esse debate ao situar a inteligência emocional no contexto das competências socioemocionais defendidas pela BNCC (2017). Mendes et al. (2024), por exemplo, sublinham que

A formação docente precisa contemplar dimensões emocionais, pois o professor que reconhece e gerencia suas emoções exerce influência positiva no engajamento e na motivação dos estudantes” (Mendes et al., 2024, p. 67).

Essa perspectiva evidencia que a gestão das emoções não é apenas uma habilidade individual, mas um fator que repercute diretamente na qualidade do ensino e no desenvolvimento integral dos alunos.

Outra contribuição relevante é a de Bisquerra (2000), que defende a educação emocional como parte indispensável da formação humana e, portanto, da formação docente. Para o autor:

A educação emocional tem como objetivo o desenvolvimento das competências emocionais, indispensáveis para a vida cotidiana e para a busca do bem-estar pessoal e social (Bisquerra, 2000, p. 12).

Nesse sentido, a inteligência emocional transcende o caráter individual e assume uma função social e pedagógica. Ela constitui um alicerce para práticas docentes que favoreçam a construção de ambientes escolares mais democráticos, colaborativos e sensíveis às necessidades dos estudantes.

Estudos recentes também indicam que professores emocionalmente inteligentes tendem a apresentar menor incidência de estresse ocupacional, maior satisfação profissional e maior capacidade de resiliência. Sagitário E Coelho (2024) observam que

A inteligência emocional no espaço escolar contribui não apenas para o bem-estar docente, mas também para a mediação de conflitos, fortalecendo a convivência e o desenvolvimento integral dos alunos” (Sagitário; Coelho, 2024, p. 09).

Assim, compreende-se que a inteligência emocional é um conceito multidimensional que abarca aspectos cognitivos, afetivos e sociais, constituindo-se como um dos pilares da prática docente no século XXI. Professores que desenvolvem tais competências tornam-se mais aptos a construir relações



pedagógicas empáticas e eficazes, capazes de enfrentar os desafios contemporâneos e de promover uma educação de qualidade, inclusiva e humanizadora.

A partir desses fundamentos conceituais, observa-se como a inteligência emocional se traduz em práticas docentes, impactando gestão da sala de aula, clima escolar e engajamento discente.

## **2.2 Inteligência emocional e prática docente**

Além disso, a empatia docente favorece a inclusão de alunos com diferentes perfis e necessidades, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais democrático, acolhedor e acessível. Quando o professor reconhece e valida as emoções dos estudantes, fortalece vínculos pedagógicos e amplia as possibilidades de participação e engajamento discente no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, Oliveira (2020) destaca que o professor capaz de colocar-se no lugar do aluno, compreendendo suas emoções, dificuldades e potencialidades, promove um ambiente pedagógico mais humanizado, no qual a diversidade é respeitada e o engajamento coletivo é estimulado. Tal postura evidencia que a inteligência emocional não se restringe ao campo individual, mas se manifesta diretamente nas interações pedagógicas e na organização da prática docente.

Corroborando essa perspectiva, Pinheiro et al. (2022) ressaltam a competência emocional como um critério essencial na formação docente, uma vez que o desenvolvimento dessas habilidades possibilita ao professor lidar de forma mais equilibrada com os desafios da sala de aula, como conflitos, indisciplina e pressões institucionais. Dessa forma, a inteligência emocional configura-se como um elemento indispensável para a qualificação da prática pedagógica e para a promoção de ambientes de aprendizagem mais saudáveis e eficazes. Autores como Pinheiro et al. (2022) também destacam a importância da competência emocional como critério essencial para a formação docente,



considerando que “a ausência de preparo emocional do professor compromete não apenas sua saúde mental, mas também a qualidade do ensino oferecido” (Pinheiro et al., 2022, p. 19). Assim, a inteligência emocional se consolida como um eixo estruturante da docência, impactando a prática pedagógica e as relações estabelecidas na escola.

Outro ponto importante refere-se ao papel da inteligência emocional na prevenção do estresse e do burnout docente. Segundo Souza e Silva (2024):

O manejo adequado das emoções reduz a sobrecarga psicológica do professor, ampliando sua capacidade de enfrentar situações de indisciplina, pressão institucional e sobrecarga de trabalho. (Souza e Silva 2024, p. 211).

Portanto, o desenvolvimento da inteligência emocional entre os docentes não deve ser entendido como atributo secundário, mas como competência profissional indispensável para lidar com as exigências do ambiente escolar. Investir nessa dimensão é investir na qualidade da educação e na promoção de práticas pedagógicas que favoreçam tanto o bem-estar do professor quanto o desenvolvimento integral dos alunos.

### **2.3 Inteligência emocional e desenvolvimento discente**

A atuação do professor ultrapassa a mera transmissão de conteúdos acadêmicos, envolvendo também a formação integral dos estudantes. Nesse sentido, a inteligência emocional do docente exerce influência significativa no desenvolvimento socioemocional dos alunos, contribuindo para a construção de habilidades como empatia, cooperação, resiliência e autoestima.

De acordo com Bisquerra (2000), a educação emocional tem como objetivo o desenvolvimento de competências emocionais indispensáveis à vida cotidiana, ao bem-estar pessoal e social, bem como à prevenção de comportamentos de risco. Assim, professores emocionalmente preparados favorecem um ambiente escolar mais equilibrado, no qual os estudantes se sentem acolhidos e motivados a aprender.

Além disso, a inteligência emocional na prática docente contribui para a mediação de conflitos, para a melhoria das relações interpessoais e para a promoção de uma atmosfera escolar positiva. Essa perspectiva dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que reconhece o desenvolvimento das competências



socioemocionais como parte dos direitos de aprendizagem dos alunos.

Dessa forma, a inteligência emocional configura-se como um eixo estruturante da prática educativa, capaz de promover não apenas o desempenho cognitivo, mas também a formação de sujeitos críticos, éticos e socialmente responsáveis.

Outro aspecto relevante diz respeito à articulação entre competências socioemocionais e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que estabelece como direito de aprendizagem o desenvolvimento da empatia, da cooperação e da responsabilidade social. Dessa forma, a inteligência emocional não deve ser entendida como habilidade acessória, mas como componente curricular implícito, capaz de fortalecer a formação integral do estudante.

Assim, evidencia-se que a inteligência emocional exerce influência direta no desempenho acadêmico, mas principalmente na formação cidadã dos alunos. Ao desenvolver competências socioemocionais, a prática pedagógica assume caráter transformador, formando não apenas estudantes preparados para avaliações escolares, mas indivíduos capazes de conviver em sociedade de forma ética, solidária e resiliente.

Se, no plano discente, a IE sustenta aprendizagens e convivência ética, no plano docente ela demanda políticas e processos formativos que a integrem de modo estruturado à profissão.

## **2.4 Formação docente e inteligência emocional**



Um dos maiores desafios da educação contemporânea é integrar a formação emocional à formação inicial e continuada dos professores. A complexidade do ambiente escolar, marcada por demandas cognitivas, sociais e emocionais, exige que os docentes desenvolvam competências que extrapolam o domínio dos conteúdos acadêmicos. Para Nóvoa (1995), é essencial que o professor assuma um perfil reflexivo, crítico e investigativo, capaz de analisar sua própria prática e ressignificar suas experiências pedagógicas. Nesse sentido, a reflexão docente deve incluir também o desenvolvimento socioemocional, compreendido como elemento indispensável para a mediação pedagógica.

A formação de professores deve centrar-se na pessoa e no profissional, numa perspectiva que promova a capacidade de aprender continuamente, de investigar a própria prática e de se reinventar no exercício docente (Nóvoa, 1995, p. 25).

Esse olhar formativo é reforçado por Mendes et al. (2024), ao argumentarem que a ausência de preparo emocional fragiliza o professor diante das pressões da rotina escolar. Para os autores, a capacitação docente deve contemplar dimensões emocionais, pois o professor que reconhece e gerencia suas emoções exerce influência positiva no engajamento e na motivação dos estudantes (Mendes 2024).

Nesse contexto, programas de formação continuada que contemplem o autoconhecimento, a gestão do estresse e o desenvolvimento de estratégias de mediação de conflitos tornam-se fundamentais para fortalecer a atuação docente e prevenir o adoecimento profissional. Souza e Silva (2024) reforçam essa visão ao afirmar que:

A inteligência emocional contribui para a saúde mental do educador, ampliando sua capacidade de enfrentar os desafios cotidianos, diminuindo a exaustão emocional e possibilitando práticas pedagógicas mais equilibradas e eficazes. (Souza e Silva 2024, p. 21)

Além disso, Pinheiro et al. (2022) destacam que a competência emocional deve ser considerada critério essencial na formação docente, visto que a ausência desse preparo compromete a qualidade da prática pedagógica e das relações interpessoais no ambiente escolar. Essa perspectiva reforça a necessidade de



incluir componentes socioemocionais nos currículos de licenciatura e nas formações continuadas, assegurando que o professor desenvolva não apenas habilidades técnicas, mas também competências emocionais que sustentem seu papel como mediador de aprendizagens.

Portanto, a formação docente precisa assumir uma abordagem integral, articulando teoria, prática e desenvolvimento socioemocional. Investir na inteligência emocional dos professores significa contribuir para a construção de uma educação mais humanizada, inclusiva e transformadora, capaz de atender às demandas da contemporaneidade e de promover o bem-estar coletivo na escola.

### 3. METODOLOGIA

O presente estudo adotou uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, voltada à análise da importância da inteligência emocional na prática docente. A escolha por esse enfoque justificou-se pelo fato de que tal perspectiva permitiu compreender os fenômenos em sua complexidade, sem reduzi-los a dados quantitativos. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa ocupa-se do universo de significados, valores, atitudes e crenças dimensões que não podem ser quantificadas de forma direta, mas que são essenciais à compreensão das práticas humanas e dos contextos sociais.

A opção metodológica foi pertinente, pois o objeto de estudo envolveu aspectos subjetivos ligados à atuação docente e à mediação pedagógica, exigindo uma análise interpretativa e contextualizada. Tratou-se, portanto, de uma revisão bibliográfica, entendida como o processo de levantamento, seleção, leitura e análise crítica de produções científicas já publicadas. De acordo com Gil (2022), esse tipo de pesquisa constitui um procedimento fundamental para aprofundar o conhecimento existente sobre determinado tema, permitindo ao pesquisador sistematizar conceitos, identificar lacunas e compreender as diferentes perspectivas que fundamentam o objeto de estudo.

A revisão foi conduzida com base em obras clássicas e contemporâneas, contemplando livros, artigos de periódicos, dissertações, teses e documentos oficiais que discutiram a inteligência emocional e suas interfaces com a prática docente.

Entre os referenciais teóricos selecionados, destacaram-se Goleman (1995), que popularizou o conceito e o estruturou em cinco dimensões; Mayer e Salovey (1997), responsáveis pela formulação inicial do conceito no campo científico; e Bisquerra (2000), que defendeu a educação emocional como dimensão essencial da formação humana. Também foram considerados Nóvoa (1995), sobre o papel reflexivo do professor; Oliveira (2020), que analisou a aplicação da inteligência emocional em contextos escolares brasileiros; e produções recentes de Mendes et al. (2024), Souza e Silva (2024) e Sagitário e



Coelho (2024), que atualizaram o debate no cenário acadêmico contemporâneo. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) foi igualmente incorporada por reconhecer as competências socioemocionais como parte integrante da formação integral dos estudantes.

O percurso metodológico estruturou-se em um movimento contínuo de busca, seleção, leitura e análise das fontes, com foco na coerência e relevância dos materiais. Primeiramente, realizou-se o levantamento bibliográfico em bases digitais e bibliotecas acadêmicas, priorizando produções científicas recentes e reconhecidas.

Em seguida, procedeu-se à leitura exploratória e ao fichamento analítico das obras, que permitiram identificar conceitos centrais, categorias de análise e convergências teóricas. Por fim, aplicou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2021), que possibilitou organizar e interpretar as informações segundo eixos temáticos representativos do objeto de estudo.

A análise de conteúdo permitiu identificar padrões, recorrências e inferências relevantes, articulando as ideias dos autores de modo crítico e reflexivo. O material foi organizado em quatro eixos: (1) fundamentos da inteligência emocional, com foco nos conceitos e definições teóricas; (2) prática docente, relacionando a inteligência emocional às demandas cotidianas da sala de aula; (3) desenvolvimento discente, discutindo a influência das competências emocionais no processo de aprendizagem e na formação integral dos alunos; e (4) formação docente, que abordou a necessidade de incluir o desenvolvimento socioemocional na formação inicial e continuada dos professores.

Essa estrutura analítica favoreceu uma leitura integrada das diferentes perspectivas teóricas, evidenciando tanto as convergências quanto as lacunas do campo, especialmente no que se refere à efetiva implementação de programas de formação emocional nas escolas brasileiras.

A partir dessa sistematização, foi possível compreender que a inteligência emocional se constitui como elemento indispensável à qualidade das relações pedagógicas, ao manejo das emoções em contextos educativos e à promoção de ambientes escolares mais empáticos e colaborativos.



Assim, a metodologia adotada revelou-se adequada para reunir e sistematizar as principais contribuições teóricas sobre o tema, permitindo interpretar criticamente a relevância da inteligência emocional para a prática pedagógica. Ao privilegiar a revisão bibliográfica, o estudo possibilitou o delineamento de um panorama sólido e coerente, sustentado por bases conceituais consistentes.

Além disso, forneceu subsídios para futuras investigações empíricas e contribuiu para o planejamento de ações formativas que integrem a dimensão socioemocional à formação e ao exercício profissional docente, fortalecendo o compromisso da escola com uma educação integral, humana e sensível às necessidades do século XXI.

## 4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Com base nas obras analisadas e na revisão bibliográfica realizada, verificou-se que a inteligência emocional constitui um dos pilares centrais da prática docente no século XXI.

A análise das produções acadêmicas e documentos oficiais demonstra que professores que desenvolvem competências emocionais são capazes de enfrentar de forma mais equilibrada os desafios cotidianos da sala de aula, contribuindo para a qualidade das aprendizagens e para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Um dos principais achados refere-se à relação entre a gestão emocional do professor e o clima escolar. Estudos de Mendes et al. (2024) indicam que docentes com alta inteligência emocional tendem a criar ambientes mais colaborativos, nos quais os alunos participam ativamente, reduzindo-se os índices de evasão e ampliando-se o engajamento. Essa constatação dialoga com Oliveira (2020), que aponta a empatia docente como elemento estruturante para a inclusão e a valorização da diversidade em sala de aula.

Além disso, verificou-se que a inteligência emocional não apenas favorece o desempenho cognitivo dos alunos, mas também atua como fator protetivo contra a violência escolar e os conflitos interpessoais. Bisquerra (2000) já havia assinalado que a educação emocional contribui para a prevenção de comportamentos de risco e para a promoção do bem-estar coletivo, perspectiva que encontra respaldo em pesquisas recentes que relacionam a prática docente emocionalmente consciente com a diminuição de episódios de indisciplina e aumento da cooperação entre pares.

Neste sentido, outro ponto relevante diz respeito ao impacto das competências socioemocionais na saúde mental e no bem-estar docente. A literatura analisada confirma que professores que desenvolvem estratégias de autorregulação emocional apresentam menores índices de estresse ocupacional



e burnout. Souza e Silva (2024) reforçam que o manejo equilibrado das emoções amplia a capacidade de enfrentamento das pressões institucionais, contribuindo para práticas pedagógicas mais eficazes e menos desgastantes.

Desse modo, a gestão emocional não deve ser compreendida apenas como recurso didático, mas como competência profissional essencial para a sustentabilidade da carreira docente.

A pesquisa também revelou que há um alinhamento crescente entre os princípios da inteligência emocional e as diretrizes educacionais nacionais. A BNCC (2017) reconhece as competências socioemocionais como parte indissociável da formação integral dos estudantes, destacando a empatia, a cooperação e a responsabilidade social como aprendizagens fundamentais. Esse reconhecimento institucional reforça a necessidade de que as escolas incorporem práticas pedagógicas que articulem conteúdos acadêmicos e dimensões emocionais, preparando os alunos para a vida em sociedade de forma ética e colaborativa.

No campo da formação docente, observou-se que a ausência de preparo emocional compromete tanto a saúde mental do professor quanto a qualidade das interações pedagógicas. Nóvoa (1995) já advertia que a docência requer um perfil reflexivo e crítico, o que implica também o desenvolvimento socioemocional como parte de sua identidade profissional. A literatura contemporânea reforça essa visão, defendendo que os programas de formação inicial e continuada devem incluir componentes voltados ao autoconhecimento, à gestão do estresse e à mediação de conflitos, de modo a fortalecer a prática docente frente aos desafios contemporâneos.

Por fim, destaca-se que a inteligência emocional na prática docente tem repercussões não apenas individuais, mas também coletivas. Quando o professor consegue integrar competências emocionais à sua atuação, ele contribui para a construção de uma escola mais humanizada, democrática e inclusiva, na qual o ensino-aprendizagem transcende a transmissão de conteúdos e se transforma em experiência de vida, marcada pelo respeito, pela empatia e pela valorização das diferenças.



Dessa forma, os resultados confirmam que investir na inteligência emocional dos professores não constitui aspecto secundário, mas estratégia essencial para o fortalecimento de uma educação de qualidade. A discussão evidencia a urgência de consolidar políticas públicas, programas de formação e práticas pedagógicas que contemplem essa dimensão, assegurando que a escola seja, de fato, espaço de aprendizagem integral, cidadania e bem-estar coletivo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a presente pesquisa evidenciou a relevância da inteligência emocional como componente estruturante da prática docente, destacando sua influência direta tanto no processo de ensino-aprendizagem quanto no desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Verificou-se que professores emocionalmente competentes são capazes de mediar conflitos, estimular a cooperação e promover um clima escolar mais saudável e inclusivo aspectos indispensáveis diante dos desafios que caracterizam a educação contemporânea.

Os resultados também mostraram que a ausência de equilíbrio emocional compromete não apenas a saúde mental do docente, mas também a qualidade das interações pedagógicas, podendo gerar práticas autoritárias e distanciamento dos alunos. Nesse contexto, investir no desenvolvimento de competências emocionais como autoconhecimento, autorregulação, empatia e habilidades sociais é condição fundamental para a construção de uma educação mais humanizada e transformadora.

Outro ponto relevante diz respeito ao alinhamento entre essa dimensão e as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que reconhece a importância das competências socioemocionais para a formação integral dos estudantes. A inclusão dessas competências nos currículos escolares reforça a necessidade de que a escola ultrapasse o ensino de conteúdos acadêmicos, assumindo também a responsabilidade pela formação de sujeitos resilientes, críticos e colaborativos.

A literatura revisada reforçou, ainda, a urgência de integrar a inteligência emocional à formação inicial e continuada dos professores. Conforme já advertia Nóvoa (1995), a docência exige um perfil reflexivo e crítico, capaz de se reinventar frente às demandas do cotidiano escolar. No cenário atual, essa reinvenção passa pelo fortalecimento das competências emocionais, que garantem ao professor



condições para lidar com a diversidade, a indisciplina e as demandas afetivas dos estudantes.

Dessa forma, conclui-se que a inteligência emocional deve ser compreendida como recurso indispensável à prática pedagógica, e não como habilidade secundária. Ela se configura como uma estratégia de promoção do bem-estar docente e discente, de prevenção de conflitos e de fortalecimento das aprendizagens significativas. Investir nessa dimensão significa valorizar a educação como espaço de vida, cidadania e convivência, no qual as emoções assumem papel essencial no desenvolvimento humano.

Portanto, recomenda-se que políticas públicas, programas de formação e práticas pedagógicas sejam reorientados à luz da inteligência emocional, contemplando ações que apoiem o professor em sua trajetória profissional e pessoal. A escola que reconhece e integra essa competência em sua prática educativa torna-se mais preparada para enfrentar os desafios do presente e formar sujeitos aptos a construir uma sociedade mais justa, empática e solidária.



## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 21 set. 2025.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MAYER, John D.; SALOVEY, Peter. What is emotional intelligence? In: SALOVEY, P.; SLUYTER, D. (org.). Emotional development and emotional intelligence: educational implications. New York: Basic Books, 1997.

MENDES, Márcia C. F.; MARTINS, Evaneide D.; MOURA, Anaisa A.; MENDES, Josiane L. A importância da inteligência emocional na formação e atuação dos professores. *Formação de Professores*, v. 3, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

NÓVOA, António. Os professores e sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

PINHEIRO, Eliana; GUSMÃO, Tânia C. R. S.; CAMPOS, Márcia A.; FREITAS, Patrícia M. A competência emocional como critério essencial na formação docente. *Revista ITP (IFSP)*, 2022.

SAGITÁRIO, M. F.; COELHO, P. M. F. A inteligência emocional nas práticas educativas: uma abordagem sobre educação emocional e sua contribuição para o desenvolvimento integral do aluno. *Cadernos de Educação*, v. 20, n. 40, p. 1–21, 2024.

SILVA, Vinícius de A. R. et al. Inteligência emocional e competências socioemocionais de docentes universitários: uma revisão sistemática da literatura. *Revista EIGEDIN (UFMS)*, 2023.



SOUZA, Cicera E. A.; SILVA, Maria G. T. A importância da inteligência emocional para professores universitários. *Revista Contemporânea*, v. 4, n. 3, p. 207–219, 2024.

UFSP. Jornada dos professores em 2024: saúde mental e inteligência emocional na docência. *Revista Educação*, 2024.